



**DECRETO N.º 5763 DE 17 DE JULHO DE 1979.**

**DENOMINA VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 – Lei Orgânica dos Municípios.

**DECRETA:**

**Artigo 1.º – Ficam denominadas as vias públicas a seguir descritas:**

“Rua José Otávio de Camargo” as rua 23 do Jardim São Marcos e 2 do Jardim Santa Mônica, com início na rua 12 do Jardim Santa Mônica e término na rua 22 do Jardim São Marcos.

“Rua Leonides de Castro Serra” as ruas 24 do Jardim São Marcos e 3 do Jardim Santa Mônica, com início na rua 13 do Jardim Santa Mônica e término na rua 22 do Jardim São Marcos.

“Rua Rodolfo Bernardelli” a rua 4 do Jardim Santa Mônica, com início na rua 13 e término na rua 15 do mesmo loteamento.

→ “Rua Sarah Bernhardt” a rua 5 do Jardim Santa Mônica, com início na rua 12 e término na rua 17 do mesmo loteamento.

**Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.**

PAÇO MUNICIPAL, 17 de Julho de 1979.

**DR. FRANCISCO AMARAL**  
Prefeito Municipal de Campinas

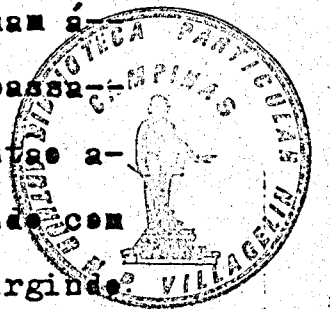
**DR. CARLOS SOARES JÚNIOR**  
Secretário dos Negócios Jurídicos

**ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI**  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolo n.º 12584, de 2 de maio de 1979, em nome da “Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos”, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 17 de Julho de 1979.

**DR. ALFREDO MAIA BONATO**  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

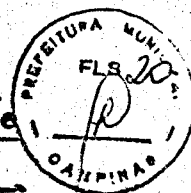
É um nome universal de que diz respeito á arte teatral, - que no distante romance do passado de Campinas movimen- -  
-teu um dia, mais do que nessa sociedade, sempre ávida des- -  
-maiores espectaculos dos grandes artistas que vinham á -  
Côrte do Brasil, deixou um rastro luminoso na sua passa- -  
-gem por Campinas. Isto nos aureos tempos com que entao a -  
pequena cidade-escreve Leopoldo Amaral, não contava com -  
os elementos materiais e intellectuais que foram surgindo -  
lentamente, quando a sua estatistica urbana acusava um nu -  
-mero muito pequeno de qhabitantes, que vem aumentando exa -  
-traordinariamente, Campinas já era apontada como um dos -  
-mais prosperos municipios da Provincia paulista. Campinas  
era nessa epoca apontada como um ponto de atração para -  
-tudo que havia em materia de novidade e em evidencia que  
aparecesse na Capital paulista. As companhias dramaticas -  
-de revistas, de zarzuelas, liricas italianas ou de opere -  
-tas francesas, tudo, tudo de melhor procurava a terra de -  
-Barreto Leme. Foi quando veio ao Brasil a eminente artis -  
-ta de renome universal, já naquela epoca, Sarah Bernhardt. -  
-e estando em São Paulo não poderia deixar de vir a Campi -  
-nas. A eminente tragica deu nos a honra de sua visita e -  
-exibiu se no velho Theatre São Carlos. Estava ela em pleno  
vigor artistico, dos seus quarenta e dois anos de idade. -  
Campinas de outrora, muito pequena, teve a louvavel preten -  
-ção de proceder de mesmo modo que as cidades europeias e  
americanas: quiz receber em seu seio a genial artista. Ha -  
-via aqui um mixto de curiosidade e de admiração no sen -  
-tir geral, pela nobre artista. Sarah Bernhardt achava se em  
S. Paulo, entre evações numerosas, dentre as quais se desta -  
-cavam as promovidas por estudantes, sempre dispostos a re -  
-prestar homenagens ao merito, como em tempos longuinquos -  
-fizeram a Carlos Gomes. Não era tafero muito facil, mas as  
dificuldades foram aplainadas ao impulso da boa vontade,  
e dos entusiasmos e ardores dos promotores da ideia. Inun -  
-dava lhes o coração o sentimento bairrista que, como dis -  
-se o nesse eminente Campos Sales, muita gente experba aos





filhos desta terra e entretanto senão estimulou perseverante e imperecível que a tem conduzido desde sua origem e, não raro, através de graves vicissitudes á conquista de seu extraordinário progresso. Entenderam eles que Sarah deferia vir a Campinas. E veio. Aqui chegou elano dia 4 de julho de 1886, em trem especial, num domingo de sol deslumbrante e de céu deliciosamente azul, saindo do carro entre grandes demonstrações de jubilo da multidão que a aguardava. O vetusto Teatro S. Carlos, que a picareta municipal fez ruir roncemente, achava se em más condições, as quais se desapareceram totalmente mais tarde, quando o saudoso engenheiro dr. Sales de Oliveira instalou aqui o modelar serviço de águas e esgotos, condições aquelas que foram notadas pela grande atriz. Foi ali no palco do velho teatro, nesse cenário materialmente pequeno, mas de grandes e honrosas tradições, que representou, dominando a sala, a excelsa Sarah Bernhardt. Foi á cena nessa noite, a velha mas apreciada peça de Dumas Filho: La dame aux camélias. "Pode se hoje fazer (a cronica é de 1923), uma pequenina idéia, de que devia ter sido essa festa de arte, emoldurada pelo entusiasmo dos campinheiros. Localidades de teatro: a preços desconunais; isto, para aquele tempo, pois os camarotes custavam nada menos de 200\$000. Fabuloso - diz o cronista. A sala regosgitava. Nos camarotes estentavam se toilettees e joias riquissimas que cintilavam. Assistencia seleta. Flores em profusão e salvas de palmas. Campinas era a cidade rica que ali aplaudia ali o legitimo expoente da majestade do talento dramatico em sua ampla e culminante significação. Sarah Rosina Bernhardt era seu neme todo, nascida em Paris em 1844. Estudou no Conservatório de lá e estreou em 1862 na Comedia Francesa, passando depois para o Ginásio da Porta Saint Martin dai ao Odeon e criou, com absoluta perfeição e incomparável arte dramatica, o Viandante, de Copée. Obteve grandes triunfos na Sphynge, na Roma vencida, na Filha de Orlando e notadamente interpretando

fls.3



o papel principal na Dana das Canções. Quando rompeu a sociedade com a empresa que a apresentava teve que pagar um multa de 100.000 francos franceses, em 1880. Saindo da França foi para a Inglaterra, Copenhague, Estados Unidos e Rússia, visitando, finalmente, o Brasil. De celta a Paris criou a Tosca, a Cidade Morna, o Hamlet, Gismunda, Mag da, enfim toda uma série de importantes peças teatrais que a consagraram como a mais perfeita atriz em fins de século. Organização artística excepcional Sarah conquistou o primeiro lugar entre as atrizes de seu tempo, pelo seu talento, pelo seu encanto, pela sua voz, pela dicção e pelo seu todo em suas interpretações. Em 1914 Sarah Bernhardt foi condecorada com a Legião de Honra em sua pátria. Essa foi a artista que Campinas conheceu nos distantes dias de sua vida cultural, que mereceu nessas palmas as de todo mundo.





## Sara Bernhardt



NO dia 22 de outubro de 1845 nasceu em Paris a atriz dramática Sara Bernhardt, ali falecida a 23 de março de 1923. Após estudar no Conservatório, estreou em 1862 na Comédie-Française, para depois representar no Ginasio, na Porte Saint-Martin e no Odéon, onde em 1869, obteve com o "Passant" um êxito decisivo. Voltando em 1872 a Comédie-Française, alcançou novos triunfos com "Le Sphinx", "Rome Vaincue", "La Fille de Roland", "Phèdre", "Hernani" e "Ruy Blas". Em 1880 deu início a uma longa série de excursões pelo exterior, percorrendo numerosos países, inclusive o Brasil. Já universalmente celebre, criou no Vaudeville "Fedora" e na Porte Saint-Martin "Theodore", "Jeanne d'Arc" e "Cléopâtre". Tornou-se proprietária do Renaissance em 1893, onde representou varias peças celebres. Mutilada de uma perna em 1914, continuou a representar até ser dominada definitivamente pela doença que a levou ao túmulo. Dotada de extraordinário temperamento lírico, contribuíram especialmente para sua fama o encanto da voz, a pureza da dicção, as qualidades plásticas e o poder dramático de suas criações. Casou-se em 1882 com o ator Damala, falecido em 1889. Pintora e escultora, também se distinguiu como dramaturga, tendo escrito "L'Alveu", "Adrienne Lecouvreur" e "Un Coeur d'Homme".

26 DE MARÇO



Abandonada da razão, a fantasia produz monstros de que os sonhos, mesmo fora das exagerações de Freud, dão tefrível experiência. Então pode haver estupor, aflições, desespero. Beleza, alegria, quase nunca. Só quando o homem desperta, vendo que tudo era irreal, é que lhe cessa o terror. Porém, unida com a razão, a fantasia gera as artes com inesgotáveis prazeres e benévolos estímulos para elevar o homem, torná-lo melhor, mais próximo de Deus. Este é o poder criador dos espíritos que supera as técnicas e surpreende com invenções inesperadas, as próprias leis da estética. Dá testemunho a crítica de todos os tempos quando fala do inefável que nimba a frente dos intérpretes, para as plateias List operando entre os raios de Sol, e assim outros, nas tragédias de Racine e Corneille. Sarah Bernhardt, nascida em Paris a 12 de outubro de 1844 e falecida a 26 de março de 1923 foi, em seu tempo, a expressão máxima da arte interpretativa e declamativa, isto é, da fantasia unida com a razão, flores e frutos de ambas que chegavam a elevar e emocionar tanto, ao ponto de, numa das representações em Paris, Vitor Hugo subiu ao palco para, de joelhos, beijar as mãos da intérprete. Depois, Sarah brilhou na Inglaterra, Portugal, Espanha, Estados Unidos, Austrália, Índia, América do Sul, Egito. Visitou por três vezes o Brasil com os mesmos sucessos. Esteve em São Paulo, cidade que muito lhe agradava. Júdia convertida ao catolicismo, Sarah Bernhardt fez resplandecer por toda a Terra a graça da mulher francesa e universal.